



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de entrega das obras de revitalização do hospital São Pio X
Ceres-GO, 17 de maio de 2006**

Meus queridos companheiros e companheiras do estado de Goiás,
Meus queridos e queridas companheiros da cidade de Ceres,
Meus queridos companheiros e companheiras das cidades vizinhas,
Meu caro Alcides Rodrigues Filho, governador do estado de Goiás,
Meu caro José Agenor Álvares da Silva, nosso querido ministro da
Saúde,

Meu caro Paulo Sérgio de Oliveira Passos, ministro dos Transportes,
depois eu vou falar um pouco disso,

Meu querido irmão dom Eugênio Rixen, bispo da Diocese de Goiás e
presidente da Associação do Hospital Pio X,

Meu caro companheiro, senador Maguito Vilela,

Meus amigos deputados federais Barbosa Neto, Neide Aparecida e
Rubens Otoni,

Deputados estaduais aqui presentes,

Prefeitos de muitas cidades aqui presentes,

Meus amigos, minhas amigas,

Nossa querida Maria Inês do Rosário, vice-prefeita da cidade de Ceres,

Senhoras, senhores, diretores e funcionários do hospital Pio X,

Minha querida Regina Rodovalho, secretária municipal de Saúde de
Ceres. Eu fiz questão de citar o nome da Regina porque quando eu vim aqui
pela primeira vez, eu penso que lá para os idos... logo no começo da década
de 80, quem era candidata a prefeita, aqui, era essa mulher, quando a gente
não conseguia juntar mais que três pessoas nas ruas das cidades brasileiras.



Mas, dom Eugênio, na verdade o que eu ia falar do hospital vocês já falaram. Eu queria dizer duas coisas que eu considero extremamente gratificantes para um ser humano. Primeiro, quando eu cheguei aqui, eu me deparei com as moças e os moços do SAMU, e em qualquer lugar onde eu chego no Brasil, eu encontro uma ambulância do SAMU, e encontro médicos, enfermeiros, assistentes, porque esse é um Programa que coloca o Brasil num padrão de igualdade com qualquer país do mundo, ou seja, esse programa do SAMU dá cidadania às pessoas que são impossibilitadas, por alguma razão, de se locomover com facilidade. Esse Programa dá cidadania às pessoas que se acidentam numa estrada, porque o transporte é rápido. E se vocês entrarem numa dessas ambulâncias do SAMU, tem umas que são um verdadeiro hospital lá dentro. E a possibilidade de a gente salvar vidas é muito maior.

Então, por que eu fico satisfeito? É porque no Brasil sempre se governou achando que nós somos um país pobre e que nós não precisamos de tratamento de primeira, como se nós só gostássemos de coisas de segunda. Não, a gente come carne de segunda porque não pode comprar de primeira, porque no dia em que puder, a gente vai comprar é carne de primeira. A gente, quando quer um tratamento, a gente quer um tratamento de primeira. E o SAMU, você pode andar em qualquer país do mundo que a gente vai encontrar igual, mas a gente não vai encontrar um tratamento mais carinhoso e mais preparado profissionalmente do que o do SAMU.

Por isso eu queria dar os parabéns à prefeitura de Ceres, porque aqui é a base que atende várias regiões. E eu tenho certeza que muito mais vidas nós iremos salvar com esse programa do SAMU. Muito mais vidas. O número parece que é, Agenor, é 192 ainda? Aqui também? 192. É só discar 192, vocês vão ver uma moça bonita, um rapaz bonito, bem vestido, alegre, preparado para atender vocês.

A segunda coisa que me deixa comovido é chegar aqui e ver uma moça levantar uma placa do ProUni. Vocês sabem que no Brasil nós temos um



problema que nós precisamos analisar com um pouco mais de carinho. Em apenas 14 meses, nós colocamos 204 mil jovens, da periferia e de escola pública, nas universidades brasileiras. Nós não tínhamos como construir universidade pública. Graças à criatividade do Ministro da Educação, Fernando Haddad, e do Tarso Genro, quando era ministro, nós fizemos convênios com a rede privada, fizemos uma isenção e o equivalente àquilo que eles iam nos pagar, eles nos deram em vagas para crianças normalmente mais pobres da periferia, que tinham estudado em escolas públicas. Com isso nós demos acesso a 204 mil jovens que jamais imaginaram entrar na universidade porque, embora tivessem passado no vestibular, não tinham recursos para pagar e, hoje, essas pessoas estão estudando. Teve gente que fez crítica: “mas o governo está deixando de receber um imposto de uma universidade para dar uma vaga?” Eu vou dizer uma coisa para vocês: acabou o tempo em que a gente falava que colocar dinheiro na educação era gasto. Dinheiro na educação é investimento e é o melhor investimento deste país.

Seria importante que os jovens que estão aqui analisassem a história da criação das universidades federais no Brasil desde 1920 até hoje, para perceberem o que o nosso governo está fazendo em nível de universidade. Além do ProUni, nós teremos, este ano, já iniciadas as obras de 4 novas universidades federais, a transformação de 6 faculdades em universidades e 43 extensões das universidades federais irão para o interior do país. Ao mesmo tempo, ainda este ano, iremos inaugurar 32 escolas técnicas que estavam paralisadas, desde 1998 que não se fazia uma escola técnica no Brasil; e o Fundeb, que na hora em que for aprovado pelo Senado, a gente vai ter mais 4 bilhões e 300 milhões na educação, e a gente também tomou a atitude de aumentar de 8 para 9 anos o número de anos que as crianças vão ficar na escola.

E por que isso? Por que eu vim aqui na inauguração de um hospital e estou falando de educação? Porque, neste final de semana, todos nós,



brasileiros, fomos pegos de surpresa com os bandidos, dentro da cadeia, mandando bandidos, fora da cadeia, matar gente de bem, matar soldado e matar pessoas que trabalham para ganhar o pão de cada dia. São Paulo, que é o maior estado brasileiro, ficou em pânico. E eu comecei a pensar, quando acontece uma desgraça dessas, começa todo mundo a ter uma solução no bolso do colete: pena de morte, cortar telefone, fazer um monte de coisas. A verdade é que essas pessoas que estão presas, todas elas, a maioria jovens de 20 a 30 anos de idade, a maioria, na década de 80, senador Maguito, eram crianças de 4 anos de idade. Na década de 80 não se cuidou corretamente das nossas crianças e dos nossos adolescentes, porque, se a gente tivesse investido em educação, naquela época –, se tivéssemos investido em educação na década de 70, na década de 60, na década de 80 e de 90, certamente, muitos desses jovens que estão presos estariam trabalhando, estariam dando aula ou estariam estudando, muitos deles. Basta que a gente analise, Governador, quanto custa ao estado de Goiás um preso na cadeia, por ano, quanto custa um jovem na universidade e quanto custa uma criança na escola. Basta que a gente analise quanto custa um adolescente nesses institutos de recuperação, como a Febem, e quanto custa uma criança, um jovem em uma escola técnica, aprendendo uma profissão. Na hora em que a gente fizer essa comparação, a gente vai perceber que vai ser muito mais barato para o Brasil, muito mais produtivo para o Brasil e muito mais lucrativo para o Brasil a gente gastar dinheiro em educação do que gastar dinheiro em cadeia depois, do que cuidar de gente que já não tem mais recuperação.

É por isso que estamos fazendo essas coisas na educação brasileira. Em 1998, o governo da época decidiu que não era mais possível investir em escola técnica e transferiu a responsabilidade para os municípios, para os estados, ou para ONGs, mas não aconteceu e o Estado brasileiro tem a obrigação. Se tem uma coisa que o Estado tem que ter obrigação, e eu sei que é a coisa mais importante para uma mãe e para um pai, é que nenhuma mãe e



nenhum pai pensam em deixar fortuna material para o seu filho, mas eles querem deixar um legado, que é a formação profissional do filho que eles colocaram no mundo, porque aí eles sabem que esse jovem conquistou a cidadania.

Uma outra coisa importante, dom Eugênio, é a minha vinda aqui neste hospital, onde já vim em 1993, e notar o quanto, às vezes, com pouco dinheiro, a gente pode resolver um problema que parecia intransponível para fazer o hospital funcionar melhor, para fazer o hospital ficar mais bonito, para fazer o hospital atender as pessoas com um pouco mais de dignidade. O doente, quando chega no hospital, se ele encontra uma recepcionista mal-encarada, se ele encontra um enfermeiro mal-encarado, se o médico não está de bom humor, a doença dele aumenta 50%. Se ele encontra... Regina, você sabe que é verdade o que eu estou falando. Se ele encontra, além disso, um hospital em péssimas condições, ele vai ficar mais doente ainda. Então, tratar da saúde não é apenas dar o remédio, é a pessoa chegar no hospital e ser atendida, da portaria até o leito em que vai se deitar, com carinho, com muito amor, porque isso ameniza o sofrimento das pessoas.

E nós estamos vendo que fazer saúde neste país significa a gente fazer algumas coisas diferentes do que há muito tempo se pensava. Eu sou de uma geração, e como eu ando muito pelo Brasil, dom Eugênio, a coisa mais comum no Brasil, antes do SUS, era uma família pobre ir ao médico, pegava a receita, levava a receita para casa, guardava dentro do criado-mudo e morria sem poder tomar o remédio, porque não tinha dinheiro para comprar. Era a coisa mais comum. Hoje o SUS resolve uma parte dos problemas para quem o procura. Mas nós fizemos mais. Nós fizemos a Farmácia Popular, já temos 146, em que a gente vende remédio mais barato, sobretudo nas capitais. E, agora, fizemos convênio com uma rede de farmácias, garantindo que mais de 1.600 farmácias, no Brasil inteiro, vendam remédios para diabéticos e remédios para hipertensão por 10% do preço que eles pagam no mercado.



Eu vou lhe dar um dado, dom Eugênio, uma pessoa que toma insulina todos os dias e gasta, por mês, por volta de 120 ou 130 reais, ela agora vai gastar apenas 10% disso. Uma pessoa que gastava 37 reais por mês para tomar remédio de hipertensão, agora vai gastar apenas 3 reais e 70 centavos nessa farmácia, porque a nós não interessa que a pessoa apenas tenha acesso ao médico. É muito bom, mas a nós interessa que, ao ter acesso ao médico, essa pessoa possa ter acesso às coisas que o médico recomendou para ela poder sarar.

Mas eu ainda não me conformei com isso, dom Eugênio, não me conformei. Eu tenho cinco filhos. A minha casa é uma verdadeira farmácia. A gente vai comprando remédio para o nariz, remédio para o olho, remédio para isso, remédio para aquilo, usa um pouquinho e vai deixando lá, e vai enchendo caixas de remédios. Eu duvido que tenha uma casa no Brasil que não tenha uma farmácia de remédios vencidos dentro de casa. Às vezes a gente se levanta com dor de cabeça, quer tomar um comprimido, vai lá, não pode comprar um, tem que comprar dez. Aí, toma um e dez ficam lá, estragando.

Então, nós, agora, na semana passada, o Ministério da Saúde trabalhou de forma extraordinária e nós aprovamos o remédio fracionado, que lá em Pernambuco chamam de remédio retalhado. Lá em Pernambuco, tem uma propaganda, remédio em retalho. O que é remédio em retalho? É que se você estiver com uma dor de cabeça, você entra na farmácia e pede apenas um comprimido, não precisa comprar dez para levar para casa, para nove ficarem mofando até vencer. Você vai comprar apenas aquilo que você precisa e não comprar um pacote de remédios, até porque remédio a gente não pode receitar para outra pessoa. Não adianta a gente ter remédio em casa, uma pessoa chegar e falar: “Ah, eu estou doente.” Aí você fala: “olha, eu tinha essa doença, o médico me deu um, toma.” A gente não pode fazer isso, porque é irresponsabilidade, é muita irresponsabilidade.

Então, dom Eugênio, nós estamos fazendo com que a saúde brasileira



seja definitivamente universal e que todos sejam tratados em igualdade de condições. Eu não quero saber se a pessoa ganha 10 mil reais por mês, eu não quero saber se a pessoa ganha 20 ou se a pessoa não ganha nada. Quando essa pessoa chega no médico, ela tem que ser tratada na mesma condição, com o mesmo carinho e tem que ter direito ao mesmo remédio. Uma outra coisa, dom Eugênio, que me inquietava – eu sou nordestino – e me inquietava muito viajar pela periferia das grandes cidades brasileiras e pelo Nordeste brasileiro e encontrar jovens de 18 anos, 19 anos, 20 anos, sem dentes na boca. Me incomodava profundamente, porque a pessoa quando perde o dente da boca, ela perde o sorriso. Você vê muita gente rindo colocando a mão na boca e aquilo me incomodava. E por que essas pessoas perdiam os dentes? Porque não tinham água tratada, porque não tinham sido preparadas para escovar os dentes, porque não tinham acesso a dentista, que era uma coisa muito cara, até porque, dom Eugênio, dente não é coisa de rico, é coisa de pobre. Eu nunca vi um rico ir num benzedor para curar um dente. Mas eu já fui. Eu já fui em benzedor para curar um dente.

Então, as pessoas mais ricas desde pequenas aprendem a escovar os dentes, têm pasta, escova, o que é normal, todo mundo deveria ter. Isso não é um luxo, não, é uma coisa normal. Agora, a parte mais pobre da população, o cidadão coloca algodão com cachaça no dente para ver se pára, coloca álcool no dente, ou seja, coloca o que encontrar na frente quando está com dor de dente.

Eu estou falando aqui e eu estava vendo o seu Pedro ali, de 90 anos, que veio de mototáxi aqui, que levantou a bengalinha para eu ver que ele estava ali. Cadê a bengala, seu Pedro? Eu tenho certeza que o seu Pedro já colocou algodão com álcool na boca, com gengibre, com cachaça, com tudo, com fumo.

Bem, o que nós fizemos? Nós criamos um programa chamado Brasil Sorridente. Nós estamos criando, ao todo são 500 núcleos de saúde bucal,



divididos no território nacional. Ceres tem? Pois é, Ceres tem. Então vejam, as pessoas mais pobres não podem mais dizer que não podem fazer tratamento dentário, porque vai lá, é de graça, a prótese é feita sob medida, ele vai fazer o teste, vai fazer molde, vai colocar na boca. Não é como antigamente, que chegava um político na época de campanha com uma cesta de dentadura e dava para a pessoa colocar na boca. Não é assim. Às vezes a pessoa tinha uma boca pequena, pegava uma dentadura grande e ficava deformada, ou tinha a boca grande e pegava uma dentadura pequena e ficava caindo. Vocês estão rindo, mas sabem que no Brasil era assim. E no estado de Goiás já tivemos isso também.

Então, nós queremos respeito às pessoas. Então, o problema de saúde bucal, que história é essa que não se tratava dos dentes das pessoas? E hoje, olha, dom Eugênio, se faz tratamento de canal. Está fazendo ortodontia? Ortodontia, aqueles aparelhos de correção na boca que só alguns podiam fazer antigamente, que a gente via na novela somente aquelas pessoas mais chiques com aquele aparelho. Agora, qualquer criança pobre pode ir lá e pode colocar aquele aparelho para corrigir seus dentes, pode fazer tratamento de canal e pode fazer prótese de primeiro mundo, que pode ser usada por bispo, por padre, por presidente da República, por deputado e pelas pessoas mais humildes deste país.

Eu quis tomar cuidado, porque quando eu leio o discurso eu controlo o tempo, quando eu não leio o discurso, eu fico falando muito, mas eu queria dizer mais uma coisa para vocês aqui. Queria dar um aviso importante que é o seguinte: nós estamos chegando no final do governo e vocês estão lembrados de que eu dizia que a coisa mais importante é a gente poder, quando terminar o mandato, comparar as coisas que aconteceram e as coisas que estão acontecendo, e fazer comparação com o que está acontecendo no Brasil.

E aqui, no estado de Goiás, quando se trata de estrada, nós estamos duplicando a BR-060, que liga Brasília a Anápolis; nós estamos duplicando a



BR-153, que liga Goiânia a Itumbiara; nós estamos pavimentando a rodovia 070, de Aparecida do Rio Claro a Aragarças; nós estamos fazendo o contorno da BR-153 de Anápolis; nós estamos, na 080, fazendo pavimentação de Barro Alto a Dois Irmãos; e estamos, uma coisa que vai começar em junho, a partir de junho, a restauração Anápolis-Uruaçu, que são estradas importantes.

Dos prefeitos que estão aqui, Governador, 15 estão reivindicando isso, mais o governador, mais os deputados, mais os vereadores, mais os senadores, então eu quero dizer para vocês o seguinte, gente: a ferrovia Norte-Sul, está aqui o nosso Ministro, eu acho que até o dia 10 ou 15 de junho, eu vou fazer uma visita em um trecho que nós vamos inaugurar da ferrovia Norte-Sul e, certamente, nós vamos acabar a ferrovia Norte-Sul porque o Brasil, hoje, precisa dela como jamais precisou. E eu falo isso porque eu fui contra, em 1986, quando o presidente Sarney era presidente da República e anunciou a Norte-Sul, eu achava que era jogar dinheiro fora. Eu precisei virar presidente da República para reconhecer, humildemente, que a ferrovia Norte-Sul é uma obra extraordinária para o desenvolvimento da região Centro-Oeste do país, e para facilitar a produção deste estado que, cada vez, cresce mais.

Eu queria dizer aos companheiros aqui do Hospital, ao dom Eugênio e ao Prefeito, que saio daqui feliz porque percebo que o povo de Ceres continua alegre, bonito e simpático do mesmo jeito que sempre foi. Saio daqui porque eu tenho certeza que vocês sabem que as coisas estão acontecendo neste país e vão acontecer muitas mais. Vejam, a hemodiálise, eu tinha pedido para o Ministro falar... Como eu não sou especialista nisso, eu não posso falar de hemodiálise, mas o Ministro disse que vai estudar, porque já tem o pedido lá.

Deixem-me falar uma coisa para vocês. Eu tenho consciência da vontade das pessoas e todo mundo quer tudo, eu sei que os funcionários públicos querem aumento, eu sei que os aposentados querem aumento. Nós temos problemas para resolver no Brasil e vamos resolver. Agora, a verdade é que o Ibama, ali, está reivindicando aumento para os aposentados do Ibama, e



os ativos estão fazendo movimento para que os aposentados ganhem. E tem outras categorias também. Isso vai ser resolvido na medida em que a gente possa resolver. Ontem nós tomamos a decisão de acertar quase que a vida de um milhão de servidores públicos neste país. A gente nunca vai poder atender às pessoas na totalidade do que as pessoas querem. O que é importante é que a gente vá, gradativamente, fazendo com que as pessoas percebam que as coisas estão acontecendo neste país. Se tudo pudesse ser resolvido em quatro anos, eu acho que eu nem teria sido presidente da República. Eu só fui eleito presidente da República porque as coisas eram difíceis e o povo resolveu fazer um teste com um metalúrgico. E eu quero poder provar que nós somos mais capazes do que aqueles que nos antecederam.

No mais, um grande abraço, um carinho. Dom Eugênio, muito obrigado, Prefeito, Governador. E até outro dia, se Deus quiser.